

Apresentação

Os nove artigos e a resenha deste número coletivamente refletem um arrojado espectro de alguns temas de interesse à área de estudos lingüísticos de língua materna e estrangeira sob a luz da etnografia, análise de discurso, gêneros de discurso, lingüística e sociolingüística. Agradecemos a contribuição notável de todos os colaboradores deste número.

- **Martyn Hammersley** apresenta uma reflexão rigorosa acerca de uma questão recente: se é possível haver uma afinidade complementar entre duas abordagens teóricas e metodológicas, a etnografia e a análise de discurso, e se esse for o caso, de que modo elas podem ser relacionadas tendo em vista que tanto na etnografia quanto na análise de discurso há variedades de abordagem e, em conseqüência, configuração conflitual. Para construir seus argumentos, o autor revisita e discute os argumentos proferidos pela crítica radical ao rejeitar dois usos padrões da entrevista etnográfica - o de confiar em dados gerados de segunda-mão e o de tentar apreender informação sob o ponto de vista êmico. Examinando três tipos diferentes de abordagem de discurso e seus postulados que rebatem os postulados da etnografia, o autor argumenta que nenhum dos argumentos da crítica radical é inteiramente persuasório para abandonar os usos normais dos dados das entrevistas. Hammersley propõe que combinar etnografia e análise de discurso é possível, porém não é uma tarefa fácil porque a relação entre as duas realça algumas questões difíceis acerca da natureza do mundo social e de como entendê-lo. Enquanto a análise de discurso é legítima como um empreendimento que adota um foco diferente da etnografia, estando preocupada com padrões discursivos de discurso, estratégias retóricas ou estruturas narrativas, ela não pode suplantar a etnografia e outros tipos de pesquisa social. Simultaneamente, as idéias e métodos desenvolvidos pelos analistas de discurso podem ser recursos valiosos para etnógrafos, possibilitando-lhes engajar em análise mais detalhada de falas e textos. Contudo, finaliza o autor, é necessário explorar cuidadosamente o espectro de argumentos filosóficos e metodológicos das duas perspectivas a fim de instituir uma base firme para desenvolver pesquisa social, o que Hammersley exercita de maneira significativa neste artigo.
- **Norman Fairclough**, dando continuidade ao seu foco de interesse - análise de discurso crítica e o lugar da linguagem nas relações sociais de poder e ideologia -, detém-se a examinar a linguagem enquanto elemento constitutivo nas mudanças sociais contemporâneas amplamente reconhecidas como globalização ou neoliberalismo, entre outros vocábulos. Baseando-se num modelo analítico-discursivo que inclui preocupações com discursos neoliberais e narrativas, relações dialéticas entre gêneros e estilos e relações dialéticas entre discursos e outros elementos da vida social, o autor analisa o neoliberalismo como

uma estratégia que inclui narrativas específicas que se amparam em discursos específicos e em sua re-contextualização num campo particular num país particular. Conforme Fairclough, o discurso neoliberal funciona para assegurar a neoglobalização ou economia global e a contingência para a sua realização no mundo todo é construída textualmente como necessária e efetuada na política contemporânea. A narrativa do neoliberalismo não vai além de uma lista de palavras-chave, 'branding' (o ato de marcar ou timbrar comercialmente um produto, mas também uma pessoa, um presidente, um país), entre outras, é uma delas e o objeto de seu artigo. Neste artigo, Fairclough examina o 'ato de marcar' comercialmente Băsescu, candidato majoritário na eleição presidencial de Bucareste 2000-2004, por meio da análise de um amplo espectro de recursos comunicativos, para evidenciar de que forma a briga política para a presidência na Romênia baseou-se, em parte, numa competição de imagens pessoais e menos na ideologia. O discurso dessa forma se materializa como um elemento potente da vida social no mundo contemporâneo.

- **Nancy H. Hornberger**, há mais de duas décadas, desenvolve pesquisa com o propósito de comparar políticas e práticas envolvendo línguas de grupos indígenas e de imigrantes em funcionamento em contextos nacionais em que as línguas minoritárias encontram-se ameaçadas. Neste artigo, ela discute três contextos de política lingüística multilíngüe e de educação intercultural bilíngüe (Quéchua nos Andes da América do Sul, Guarani no Paraguai e Maori em Aoteraroa, Nova Zelândia), em que as respectivas línguas indígenas minoritárias são usadas como meio de ensino ao lado da língua majoritária. Adotando uma perspectiva ecológica e utilizando como recursos analíticos o modelo dos contínuos de bilingüismo desenvolvido por ela e a noção de voz bakhtiniana, examina práticas educacionais contenciosas de bilingüismo em contextos de revitalização de línguas indígenas. A autora conclui que a língua da criança ou étnica utilizada como meio de ensino ao lado da língua dominante torna-se para muitas crianças indígenas a língua mediadora do dialogismo, da construção de sentidos, do acesso a discursos e de uma postura ativa, todos aspectos atribuídos às dimensões da voz. Dessa forma, reafirmando a máxima de que se a língua pode ser instrumento de opressão cultural e lingüística, ela também pode ser veículo de emancipação de comunidades minoritárias, sugere que em se tratando do uso da língua indígena na escola, é precisamente a ativação da voz indígena que inibe a tendência à discriminação e à opressão e favorece a emancipação, a autodeterminação e o empoderamento. **Dominique Maingueneau** lança um olhar instigante sobre um aspecto das práticas discursivas que, de tão presente à doxa, passa despercebido. Trata-se da corriqueira citação de enunciados "sem autor", que designa pela palavra-valise "participação", resultante da fusão de "participação" e "citação". O que principalmente identifica a "participação" é a autonomia do enunciado e o seu pertencimento àquilo que se pode chamar de *Thesaurus* de uma

comunidade. Compartilhando desse *Thesaurus*, o alocutário reconhece estar diante de uma citação, mesmo que o locutor não a explicita formalmente. A voz que fala na "participação" é a de um "hiperenunciador" que garante menos a verdade do enunciado e mais a sua validade e adequação aos valores que identificam e confirmam a pertença do locutor e alocutário a uma mesma coletividade. Além de desfiar a noção de "participação" e a de "hiperenunciador" que lhe é correlata, Maingueneau apresenta uma proposta de agrupamento das formas de "participação" em três grandes famílias: as participações sentenciosas, as participações gráficas e as participações grupais, cada uma delas comportando subgrupos. Esse artigo, sem dúvida, faz a Análise de Discurso avançar significativamente no exame da heterogeneidade mostrada do discurso.

- **Roberto Leiser Baronas** contribui com a teoria da análise de discurso ao propor, à luz do conceito bakhtiniano de gênero do discurso, que há outras formas de heterogeneidade além da heterogeneidade constitutiva e heterogeneidade mostrada, marcada e não-marcada, propostas por Jacqueline Authier-Revuz. Considerando a estratégia argumentativa da derrisão com base em um gênero particular de discurso (a charge), argumenta que é possível estabelecer uma relação entre gênero do discurso e o Outro (conceito de Outro discursivo ao invés de Outro psicanalítico usado por Authier-Revuz) naquilo que se pode nomear de uma heterogeneidade dissimulada que se apresenta distinta tanto da heterogeneidade constitutiva quanto da heterogeneidade mostrada, marcada e não-marcada. Mediante a análise do texto chágico e do texto derrisório, o autor evidencia o conceito de heterogeneidade dissimulada que se caracteriza pela existência de um enunciado sobre o simulacro de um enunciado. Quer dizer, a heterogeneidade dissimulada arquiteta o seu Outro a partir de um interdiscurso que embora presente enquanto possibilidade na memória do dizível se apresenta caricaturado justamente para ser corrigido, pois, como diz o autor, "ele se inscreve num espaço discursivo do dizível socialmente inaceitável".
- **Maria Rosa Petroni** reflete sobre o ensino da modalidade escrita da argumentação, conduta lingüística cotidiana, porém nem sempre tratada adequadamente na sala de aula. Adotando a dimensão sociointeracionista da linguagem, apresenta uma discussão sobre o caráter tripolar da atividade comunicativa, que engloba o locutor, a linguagem e a situação em que as trocas lingüísticas ocorrem, privilegiando dois aspectos relacionados à construção do discurso argumentativo escrito, a saber, a discutibilidade do objeto e a importância do destinatário desse discurso. Adotando a perspectiva textual-discursiva, enfatiza a necessidade e a urgência da promoção do ensino do diálogo argumentativo, estratégia indispensável ao ensino desse discurso, elaborado e assumido por um argumentador que tem por objetivo convencer um destinatário sobre a aceitabilidade de determinado ponto de vista, construído discursivamente. Ao reconhecer que a complexidade desse discurso decorre do fato de as

práticas comunicativas propiciadas pelo fenômeno da interação social darem origem a processos funcionais e discursivos de construção dos sentidos, combinando o universo lingüístico com o pragmático, a autora reafirma a importância da leitura no processo de ensino-aprendizagem da escrita. Conclui salientando as vantagens de uma proposta de contato direto e freqüente com textos escritos de gêneros diversificados, por meio dos quais possam ser identificadas as características particulares de cada gênero, bem como as operações envolvidas em sua produção.

- **Alice Maria Teixeira de Sabóia** oferece uma perspectiva valiosa à discussão contínua do papel da metalinguagem nas políticas públicas educacionais brasileiras mais recentes. Baseando-se em argumentos de natureza lingüístico-filosófica, questiona a visão predominante de políticas de ensino que minimizam o ensino de metalinguagem nas escolas públicas por entender que tais políticas se revelam demagógicas e politiquerias. A autora pondera que a linguagem do conhecimento jamais prescinde do conhecimento da linguagem e reafirma que toda e qualquer atividade humana faz-se representar por uma linguagem e/ou desenvolve-se com ela. Abstrair o ensino da metalinguagem é abordar o ensino como constituído apenas de "como ensinar e aprender", dissociado de "o que aprender e ensinar". De acordo com a autora, paradoxalmente, aquilo que se pretende ser uma política de inclusão para as camadas populares, ao reduzir a complexidade da linguagem a favor de uma política de linguagem simples, revela o pressuposto preconceituoso e discriminatório de que as pessoas comuns não têm capacidade de adquirir conhecimentos específicos e a linguagem que rotula esses conhecimentos, produzindo um efeito terrível - o de justamente marginalizar as camadas populares do conhecimento científico ou de uma profissionalização mais refinada.
- **Deise Prina Dutra** explora dados obtidos por meio de pesquisas que enfocam a prática reflexiva de professores de inglês em formação inicial e continuada. Tais dados foram coletados em sessões de reflexão estimulada, durante as quais formadores de professores e professores interagem com o intuito de discutir aulas ministradas por eles. O artigo tematiza as múltiplas identidades dos formadores de professores, destacando as faces profissional, intelectual e pessoal. A análise sugere que as relações de poder e a distância social aparecem como influenciadoras das estratégias discursivas escolhidas pelos formadores de professores. Sugere ainda que formadores de professores devem refletir sobre suas identidades e sobre como estabelecer relações com os professores em formação inicial ou continuada. A autora argumenta que a Análise de Discurso é uma referência indispensável no conhecimento das estratégias que aproximam ou distanciam formadores de professores e professores, tornando mais eficazes os momentos de formação. Desta forma, o estudo de Dutra é uma contribuição importante para o campo das pesquisas qualitativas sobre

o cotidiano do ensino de inglês, principalmente aquelas com perfil colaborativo voltadas para o incremento da prática reflexiva.

- **Edmundo Narracci Gaspar** explora trinta e três textos escritos por alunos de um curso de Letras de uma instituição de ensino superior e seus efeitos de sentido, após a realização de estágios de observação em escolas de ensino fundamental e médio. Com base no pressuposto de que a ordem do discurso deve ser entendida como lugar de encontro da materialidade lingüística com a materialidade histórica, mantém que a ideologia é constitutiva de toda a prática discursiva e que as imagens ou representações que fazemos de nossas experiências vividas são ideologicamente constituídas. Entre outros resultados, a análise apontou para dois tipos de discursos presentes nos textos dos alunos: o discurso da 'ineficiência' do ensino de inglês na escola pública quando comparado ao ensino de inglês das escolas de idiomas e o discurso e o discurso do professor "desqualificado" em relação ao seu saber. Mediante mapeamento semântico, o autor mostra os mecanismos de naturalização do discurso centrados na teoria do déficit e na relação de causa e efeito em que a ausência de x produz y . Conclui que a repetição do discurso de fracasso e da desvalorização da escola pública contribui para a perpetuação de relações de poder desiguais na sociedade brasileira.
- RESENHA: Também nesta edição, **Ana Dilma de Almeida Pereira** comenta o livro *Educação em língua materna: a sociolingüística em sala de aula*, de Stella Maris Bortoni-Ricardo, dirigido, sobretudo, a professores de ensino fundamental, para apresentar fundamentos teóricos e aplicações práticas em torno de ensino de língua portuguesa, variantes lingüísticas, preconceito lingüístico e pedagogia culturalmente sensível.

Ana Antônia de Assis-Peterson Maria

Inês Pagliarini Cox